

O POEMA DESENGRENADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA CONTEMPORÂNEA EM ARMANDO FREITAS FILHO

THE DISENGAGED POEM: CONSIDERATIONS ON CONTEMPORARY POETRY IN ARMANDO FREITAS FILHO

Mislene de Oliveira¹

Recebimento do Texto: 22/03/2025

Data de Aceite: 20/04/2025

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discorrer sobre o lugar do poeta frente ao seu próprio tempo, de modo que ele possa ser, sobretudo, um contemporâneo. Para isso, servirão como bases teóricas o texto de Giorgio Agambem sobre o contemporâneo, de Florencia Garramuño, de Goiandira de F. Ortiz Camargo e de Marcos Siscar sobre a poesia contemporânea. A discussão terá como foco de análise três poemas do carioca Armando Freitas Filho presentes no livro Dever (2013) e Arremate (2020). Os poemas analisados revelam uma inadequação frente à tradição que os precede e acabam por problematizar o próprio fazer poético.

Palavras-chave: Contemporâneo. Poesia. Desengrenado.

Abstract: This article aims to discuss the poet's place within his or her own time, so that he or she can be, above all, a contemporary. The theoretical foundations for this will be Giorgio Agamben's work on the contemporary, and Florencia Garramuño, Goiandira de F. Ortiz Camargo, and Marcos Siscar's work on contemporary poetry. The discussion will focus on analyzing three poems by Rio de Janeiro native Armando Freitas Filho, featured in the books Dever (2013) and Arremate (2020). The poems analyzed reveal an inadequacy in relation to the tradition that precedes them and ultimately problematize poetic creation itself.

Keywords: Contemporary. Poetry. Desengrenado.

¹ Licenciada em Letras e respectivas Literaturas (2014) pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus de Vilhena. Mestra em Estudos Literários (2016) pelo MEL - Mestrado Acadêmico em Estudos Literários - UNIR - campus de Porto Velho. Doutoranda pelo PPGEL - Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Tangará da Serra. Professora efetiva da rede municipal de educação (SEMED) em Vilhena/RO. E-mail: mislene_oliveira@unemat.br

Introdução

O que é o contemporâneo? Para o filósofo italiano Giorgio Agamben no livro *O que é o contemporâneo?* (2009), “Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões [...]” (2009, p. 58). Ao que parece um conceito contraditório e até paradoxal é, na verdade, a única condição possível para que se possa compreender o contemporâneo, ou seja, compreender o tempo que está em curso.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma *dissociação* e um *anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (Agamben, 2009, p. 59).

Dessa forma, vê-se que a relação com a contemporaneidade passa por dois momentos que, aparentemente, percorrem sentidos opostos. É necessário primeiro aderir ao seu próprio tempo, dele fazer parte para depois, então, distanciar-se, pois só quem toma a distância necessária consegue contemplar de forma panorâmica aquilo que observa, diferente daquele que tão perto está ao ponto de lhe faltar o espaço necessário para descontinar o contemporâneo em sua completude.

Agamben ainda explica que “[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (2009, p. 62). Ao embasar-se na explicação científica da neurofisiologia, o autor constrói a ideia de que perceber o escuro não é simplesmente estar privado de luz, essa dinâmica constitui-se, sobretudo, a partir do trabalho realizado pela retina perante a falta de luminosidade (p. 2009, p. 63):

Os neurofisiologistas nos dizem que a ausência de luz desinibe uma série de células periféricas da retina, ditas precisamente *off-cells*, que entram em atividade e produzem aquela espécie particular de visão que chamamos o escuro. O escuro não é, portanto, um conceito privativo, a simples ausência de luz, algo como uma não-visão, mas o resultado da atividade das *off-cells*, um produto da nossa retina (2009, p.63).

Desse modo, escreve o autor, “Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade” (2009, p. 63-64), sendo essa uma tarefa que exige uma “habilidade particular” que não corresponde a uma postura inerte ou passiva (Agamben, 2009, p. 63). Assim, para o filósofo italiano, são raros os contemporâneos que conseguem encarar a escuridão e nela perceber um tempo fraturado de uma luz ainda não alcançada.

Saindo de uma perspectiva mais geral sobre o estado da literatura contemporânea e adentrando naquilo que concerne à poesia contemporânea brasileira, considera-se o texto de Florencia Garramuño, no capítulo intitulado “A poesia contemporânea como confim”, publicado no livro *Linhas de fuga* (2016) que trata do lugar da poesia produzida recentemente. Primeiro há a indagação: “[...] é possível pensar que a poesia constrói – hoje – um lugar como próprio?” (2016, p. 11). Garramuño admite, tendo em vista alguns poemas contemporâneos que analisa, como os do argentino Edgardo Dobry e do chileno Carlos Cociña, que “melhor caberia descrevê-lo como *impróprio*” (2016, p. 11) e explica:

Penso que esse lugar impróprio da poesia contemporânea se relaciona de modo estreito com a elaboração de um trabalho com o impessoal que, para além da doutrina modernista do impessoalismo em poesia, se define como um limiar entre o pessoal e o impessoal que faz da voz lírica um lugar impróprio (2016, p. 11).

A estudiosa trata, sobretudo, de um “eu” que não se adere ao conceito de unicidade e integridade, mas um “eu” que se vê de fora, “ausente de si mesmo” (Garramuño, 2016, p. 13). Em análise à poesia de Edgardo Dobry, das quais essas noções se desdobram, Garramuño pondera que “para além da doutrina

impessoalista do modernismo e do confessionalismo no outro extremo” (2016, p. 13), a poesia contemporânea pode problematizar “noções de sujeito e vida de um modo inovador” (2016, p.13).

Sob o prisma da experiência de leitura, Goiandira de F. Ortiz Camargo focaliza a poesia contemporânea a partir da subjetividade lírica com relação à “circunstância histórica e pessoal do poeta” (2008, p. 99). No artigo intitulado de “Subjetividade e experiência de leitura na poesia lírica brasileira contemporânea”, presente no livro *Subjetividades em devir – estudos de poesia moderna e contemporânea* (2008), Camargo assinala que apesar da impossibilidade de coadunar todos os poetas contemporâneos em um mesmo movimento estético-literário, há uma “sincronicidade” entre eles (2008, p. 99). Dessa forma, observa-se

a continuidade e o desenvolvimento da concepção de poesia tanto como construção, a exemplo do proposto por Marllarmé, quanto de relação com a tradição, princípio defendido por T.S. Eliot, também de pesquisa, aspecto considerado por Mário de Andrade, bem como de entendimento do poema como um corpo pulsante, que guarda vozes-outras, inclusive a do próprio poeta que o assina” (2008, p. 99).

Esses aspectos notados por Camargo não caracterizam o estado – os estados – da poesia contemporânea, mas permitem pensá-la a partir daquilo que é possível apreender, considerando a natureza evasiva do contemporâneo.

Considerando as noções apresentadas acima, é possível firmar que o escritor contemporâneo precisa buscar um lugar para além do que está visivelmente exposto e traçado. Isso se relaciona ao lugar impróprio da poesia descrita por Garramuño, pois ao problematizar o lugar do sujeito contemporâneo que não abandona o discurso pessoal, mas também não se fixa a ele radicalmente, tem-se um sujeito em um entre-lugar, perscrutando obliquamente o mundo que escreve. Também acompanha essa perspectiva, a ideia de Camargo sobre o poema como um corpo pulsante que guarda diferentes vozes, porque tira o texto poético de um lugar preestabelecido e definido deixando-o nesse lugar impróprio, nesse lugar para além das luzes, como um corpo que pulsa, um corpo que move para fora das margens.

O poema “Espelho meu”, inserido no livro *Dever* (2013), do poeta carioca

Armando Freitas Filho, pode ser lido a partir da perspectiva do contemporâneo proposto por Agamben. Eis o poema:

Espelho meu
Imaginar um irmão gêmeo idêntico
para brincar na hora morta
quando ainda teme o Inesperado
é fraqueza e fraude de filho único.
Com o espelho à mão, sob controle
o Indivisível finge dividir-se
e por um osmose de brincadeira
pensa que sente o mesmo de quem se doa
sem dor e avareza, livre do Narciso
do Ciúme, do Crime, de Caim e Abel.
(2013, p. 33)

Estar na escuridão, como metaforiza Agamben sobre o contemporâneo, é como estar sozinho. Seria também um olhar para si mesmo como a única companhia restante. Nesse ponto, o poema de Armando Freitas Filho também sugestiona um caminho cujo destino é o encontro consigo mesmo, um encontro no espelho de quem imagina um irmão gêmeo idêntico constituindo a “[...] fraqueza e fraude do filho único” (2013, p.33). Ou do poeta que parece o único a caminhar a contrapelo da sociedade como um filho único do mundo e o espelho estabelece esse único encontro possível quando se caminha ao revés da multidão: com o próprio eu, com a própria voz, com a própria presença.

No poema acima, pode-se observar o quanto o “Indivisível finge dividir-se” (2013, p. 33), ou podemos inferir o quanto o poeta contemporâneo, nos termos de Agamben, divide-se porque precisa se afastar dos holofotes, deixar sua vivência na luz, para perceber-se em torno da escuridão, à revelia do mundo. O irmão gêmeo imaginado pelo sujeito poético é esse outro que não existe em presença no mundo, mas ainda sim existe preso no espelho olhando de volta, olho a olho, o ser que existe por entre as luzes cá fora. Embora mirar-se no espelho requer a presença de luminosidade, estar na escuridão, pela condição de um contemporâneo, é saber que um “gêmeo” seu, um outro de si transita pela luz, enquanto o outro, o poeta na escuridão, contempla e lê o seu tempo presente.

Para concluir suas ideias, Agamben afirma que o contemporâneo é aquele que consegue cindir seu tempo e

Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história de “cítá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (2009, p. 72).

Ora, dividir o tempo presente é considerá-lo em relação ao passado. A origem, como pontua o filósofo, está sempre “ali” aos olhos do contemporâneo, o arcaico é uma face do presente que só o contemporâneo pode notar. Quando o sujeito poético imagina seu irmão gêmeo no espelho acaba por dividir a si mesmo e ao imaginar a outra parte refletida no espelho: “Com o espelho à mão, sob controle / o Indivisível finge dividir-se [...]” (Freitas Filho, 2013, p. 33), realiza o mesmo movimento proposto por Agamben para tornar-se um contemporâneo de seu tempo. Dividido, o sujeito poético lida com sua presença cindida, com um olhar para além do seu presente supostamente integrado. Esses desdobramentos calham naquilo que Garramuño nomeia como “lugar impróprio” (2016, p. 11), ao falar da voz lírica contemporânea.

Somente o contemporâneo que “divide o indivisível” é capaz de transformar o seu tempo, é capaz de fazer novas leituras da história e relacioná-la às demais. No poema “Espelho meu”, o sujeito poético imagina o irmão gêmeo “para brincar na hora morta / quando ainda teme o Inesperado” (Freitas Filho, 2013, p.33). Temer o Inesperado é acionar uma defesa contra aquilo que não se espera, mas já esperando. Para alguém temeroso algo sempre está prestes a acontecer, mesmo que não saiba o quê; pode-se relacionar essas condições ao contemporâneo que precisa temer, não por medo, mas por astúcia, aquilo que não sabe que está por vir, como a “uma exigência à qual ele não pode responder” (Agamben, 2009, p. 72).

No texto *A cisma da poesia* (2005), Marcos Siscar esclarece que a relação do poeta com o seu presente é atravessada por uma desconfiança quanto ao que se tem como herança poética, essa é uma das questões que tramita pela poesia contemporânea.

Se a relação com a herança da tradição modernista está sempre no horizonte, deve-se salientar o fato de que, na obra de alguns poetas, encontramos um outro tipo de abertura no que diz respeito à experiência do presente. Isso nos incitaria não somente a repensar os fatos da poesia contemporânea, mas a levar a diante ou a deslocar a discussão em busca de esclarecer aquilo, que, efetivamente (a julgar pelo interesse atribuído à multiplicidade pelas recensões e críticas), ainda não conseguimos entender. Cada vez mais desconfiada da tradição herdada por Ana Cristina César e Paulo Leminski, por exemplo, ocorre à poesia de relacionar-se com a “realidade” não como suposição, mas como problema (Siscar, 2005).

De acordo com Siscar, a cisma da poesia brasileira contemporânea é lidar com o presente, sem necessariamente ter devê-la à luz de uma tradição, mas também sem poder de fato negá-la. A questão é saber exatamente o que chamar de lugar ou se há de fato um lugar seguro que apreenda as produções literárias atuais, por isso, ocupar-se da realidade que os cerca é uma das problemáticas que orienta a poesia brasileira contemporânea, conforme explica Siscar.

No poema “Espelho meu”, o filho único finge dividir-se e por um momento contempla a si pela fratura do presente que o põe face a face consigo mesmo, fazendo-o pensar “[...] que sente o mesmo de quem se doa / sem dor e avareza, livre do Narciso / do Ciúme, do Crime, de Caim e Abel” (Freitas Filho, 2013, p.33). Pois quem olha pela brecha do presente e consegue contemplar na escuridão sua outra face é capaz de abdicar do Narciso que fica às voltas do próprio Eu e com isso é também capaz de cismar com o que vê sem considerar que tudo é uma extensão do próprio self, ou sem considerar que o mundo é um reflexo apenas de seu próprio ego. O Ciúme, o Crime que elimina um dos irmãos (na história bíblica de Caim e Abel) está além de todo contemporâneo que sabe não se tratar do lugar “do filho preferido”, mas do lugar de quem questiona a própria ideia de lugar.

O poema contemporâneo: “desengrenado”

No poema “101” do já citado livro *Dever* (2013), percebe-se como o poema é compreendido dentro do cenário contemporâneo sob a perspectiva de Armando Freitas Filho. Eis o poema:

Desengrena. O poema não é mais
um objeto, mesmo indireto
mas um aparelho estourado
com alguns canos aparentes
e o cabedal, a mixórdia de fios
dos gatos, das ligações clandestinas
se não forem, também, perigosas.
(2013, p. 120)

De acordo com a voz poética, o poema perdeu a condição de objeto, mas tomou o lugar de um aparelho remendado, improvisado e perigoso, assim sendo, pode-se questionar qual o lugar do poeta frente ao poema “desengrenado”. Segundo Siscar, a relação da poesia com a realidade é a grande questão dos contemporâneos, e nesse caso, o poema é compreendido não do lugar de um objeto, mas de um “aparelho estourado”. Se, como escreve Agamben, o contemporâneo tem uma relação singular com o seu próprio tempo, vê-se nesse texto poético a relação “desengrenada” que o poeta mantém com a poesia. Ainda é possível perceber nos versos de “101” uma referência a um dos momentos da poesia brasileira da década de 60, o poema/processo:

Nesta ocasião, o sentido da palavra “poema” foi ampliado a tal ponto que se pode designá-lo como um objeto, um procedimento, ou até mesmo uma performance, sendo produzidos pelo grupo poemas-visuais, poemas-objeto, poemas para serem rasgados, poemas para serem queimados, poemas comedíveis, filme-poemas e happening-poemas (Nóbrega, 2017, p. 12).

Pretende-se com isso apontar como a noção do lugar da poesia é movimentada nesse poema de modo que o sujeito poético está olhando para a escuridão do seu tempo para tentar compreender o seu presente a partir da sua

história antecessora e, por fim, constatar (segundo sua ótica) uma construção poética desajustada, amontoada e clandestina. A engrenagem que corria perfeitamente agora é caótica feita por uma “mixórdia de fios” (Freitas Filho, 2013, p. 120). Ou para tomarmos por metáfora essa expressão, “a mixórdia de fios” equivale ao amontoado de referências que o poeta contemporâneo tem a sua frente, acatado por esse sujeito poético como uma confusão, conflito ou bagunça de fios. “Bagunça” de vozes da tradição que já não são recebidas como outrora, mas que se juntam às novas vozes que não podem de fato serem desconectadas (desamarradas) da sua herança poética.

O poema de número “180” do último livro de poemas lançado por Armando Freitas Filho, *Arremate* (2020), também pode manifestar um outro lugar ou não lugar da poesia contemporânea. Ao dizer que o “papel do poema é o de embrulho” é evidenciado um outro tipo de relação entre o texto poético, seu autor e o leitor. Eis o poema:

180

O poema não prepara o papel
a sua gramatura para receber
a ode, a elegia, o épico, o soneto
de Petrarca, o verso medido, o livre!
O papel do poema é o de embrulho:
neutro, qualquer, fino ou grosso
absorve o que transparece
sem desembrulhar na superfície.
Guarda amarrado dentro
e leva para a entrega indecisa
e mancha suspeita de gordura
do suor da mão, da axila, do colo
da cor que vem de não sei onde
da marca do rasgo, do amarrulado.

12 III 2013
(2020, p. 274)

Nesse poema, é como se o objeto literário não se despedisse de seu autor dado que marcas orgânicas são levadas junto ao texto. A “suspeita de gordura / do suor da mão, da axila, do colo” (2020, p. 274) são marcas que ressaltam o

corpóreo, o humano e faz com que o poema se assemelhe a “um corpo pulsante” (2008, p. 99), como define Camargo na citação já observada neste artigo. Antes que o poema seja impresso no papel, há o momento da composição, tarefa muito ressaltada na poesia de Armando Freitas Filho e que se torna tão importante quanto o poema finalizado. Fala-se também “da cor que vem de não sei onde / da marca do rasgo, do amarrotado” (Freitas Filho, 2020, p. 274), sugerindo sinais de edições, manuseios que são pistas de um sujeito histórico antes de se tornar um sujeito poético. Há um sujeito em sua função de escritor que trabalha, rasga, marca e amarrota o papel para que o poema chegue “limpo” ao leitor.

Quando o sujeito afirma que “O poema não prepara o papel” (Freitas Filho, 2020, p.274) pode estar referindo-se ao fato de o poema ser indiferente aos suportes por onde eles são divulgados, como se o poema existisse independente das maneiras de fazê-lo transmitir. Há como discutir o poema sem os meios pelos quais ele é divulgado? Ou há como discuti-lo sem considerar o papel do leitor? Seja qual for a resposta, o poema existe, conforme o poema em análise, mesmo que não vá para as impressões em livros.

Ainda a respeito do papel, o verso “O papel do poema é o de embrulho” (2020, p. 274) permite duas leituras, já que papel pode tanto ser o meio pelo qual o poema é exposto (ao leitor) quanto pode dizer respeito a uma função. A partir de uma espécie de trocadilho, tendo embrulho o significado de “1. qualquer coisa envolvida em papel, pano etc.; pacote, volume” (Embrulho, 2024), pode-se inferir que o papel do poema seria aquele que embrulha deixando o poema contido, cercado por todos os lados. Os livros de certa forma funcionam como embrulhos de poemas a espera que leitores o abram. Já no outro sentido, o papel como função ou como representação de algo, considera um outro significado para o substantivo embrulho que o segundo o dicionário Oxford conceitua figuradamente uma situação confusa, complicada, ou até uma confusão proposital (Embrulho, 2024). O papel/a função do poema seria o de confundir, lograr ou enganar?

Na poesia de Armando Freitas Filho esse segue sendo um modo de se relacionar com o tempo atual. Além disso, o papel de embrulho pode ser “neutro, qualquer, fino ou grosso” (2020, p. 274), esse verso sugere figuradamente as a diversidade de “papeis” adotados pelos poetas. Pode-se relacionar a isso aquilo que Marcos Siscar escreveu, no texto já citado, sobre a situação conflituosa que os contemporâneos mantêm com a tradição:

Alguma coisa está em processo de transformação e demanda a ser compreendida, antes mesmo que se possa decidir o que lhe falta. São talvez os próprios valores do modernismo brasileiro (nacionalismo, humanismo utópico, relação com a “modernização”) que se abalam, que não são suficientes mais para suportar o sentido do mundo que se abre (2005).

Os dois poemas analisados anteriormente mostraram certa cisma em posicionar o poema em um lugar unificado dentro da nossa contemporaneidade. Eles apresentam certa angústia frente à tradição e ao tempo presente, acabando, inclusive, por “estourar” como está descrito no poema “101”. Não separando o orgânico do inorgânico, o poema “180” problematiza o poema como função, como composição, o verso que fala sobre “a entrega indecisa” (Freitas Filho, 2020, p. 274), por exemplo, reforça essa sensação de que alguma coisa ainda falta.

Considerações Finais

Por fim, a partir das análises realizadas neste artigo, pode-se verificar que o contemporâneo é aquele que se instaura no seu próprio tempo para depois tomar a distância necessária para compreendê-lo naquilo que ele tem de peculiar. Através do poema “Espelho meu”, de Armando Freitas Filho, foi compartilhado uma relação metafórica dessa ideia de Giorgio Agamben com a imagem do irmão gêmeo contemplado exclusivamente pelo espelho. Ao imaginar um outro de si no espaço reflexivo do objeto, o filho único lida, ao mesmo tempo, com um outro e consigo mesmo. Seria como sair do seu próprio tempo para um outro que ainda é o seu, mas sob um ângulo diferente, assim como o contemporâneo de Agamben que contemplando a escuridão, vê-se cindido para apreender as sutilezas do seu presente. Pois é nesse lugar, no enfrentamento do tempo presente, que o poeta contemporâneo articula seu espaço e problematiza a noção de pertencimento.

Os poemas aqui destacados, portanto, revelam um sujeito poético que parece estar em desacordo com o próprio destino que os mantém em curso, ou como está escrito no poema “101”, revela um sujeito poético que solta a engrenagem e coloca o poema a perigo como se este sofresse uma instabilidade no trajeto, operando sem controle. Junto a essa dinâmica, os sujeitos dos poemas,

o de nome próprio e o sujeito poético, também sentem certa inadequação aos seus tradicionais lugares, como observamos no poema “180”. O papel do poema é providenciar certo engano já que a cisma com a relação à tradição inviabiliza a sensação de pertencimento a um tempo que une diferentes poetas a uma mesma vertente. Pois não é possível observar um lugar em que de forma generalizada pode-se pensar a poesia atual, mas é possível falar de “não lugar”, referindo-se muito mais a um movimento, a uma busca que talvez não alcance o que se pensa ter perdido.

Referências

- AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2009.
- EMBRULHO. *In Oxford*. Dicionário online de Português. 2024. Disponível em: https://www.google.com/search?q=embrulho&oq=embrulho&gs_lcp. Acesso em: 10 out 2024.
- FREITAS FILHO, Armando. **Dever**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- FREITAS FILHO, Armando. **Arremate**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SISCAR, Marcos. **A cisma da poesia brasileira**. Disponível em: <https://www.germinalliteratura.com.br/sibila2005_acismadapoesia.htm>. Acesso em: 11 de jan. de 2023. 2005.
- NÓBREGA, Gustavo (org). **Poema/Processo: uma vanguarda semiológica**. Martins Fontes: São Paulo, 2017.
- PEDROSA, Celia; ALVES, Ida. **Subjetividades em devir** – Estudos de poesia moderna e contemporânea. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- SCRAMIM, Susana; SISCAR, Marcos; PUCHEU, Alberto (org.). **Linhas de fuga** – Poesia, modernidade e contemporaneidade. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2016.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seu autor.